

A TRANSFERÊNCIA NO TRABALHO DE QUEM ESCUTA¹

Luís Filipe Maia da Rosa², Eduardo Daltrozo Gutierrez³

¹ Trabalho realizado por alunos do curso de Psicologia

² Aluno do curso de graduação em Psicologia, filipe00200@gmail.com.

³ Aluno do curso de graduação em Psicologia, cajudu.gutierrez@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Em sua prática, Sigmund Freud percebeu a interferência de fenômenos que ultrapassavam sua compreensão puramente médica dos fenômenos clínicos observados. Junto da sua teoria sobre o inconsciente, ele apresentou referências sobre a prática clínica e como ela se desdobra quando se leva em conta este outro andar na escala tópica de nosso psiquismo, o inconsciente. Entre as diversas ideias que surgem de sua prática clínica, umas se mantêm e outras aos poucos vão sendo refutadas pelo próprio autor, ao longo de sua obra, (GARCIA-ROZA, 1985) o conceito de transferência vai surgindo e sendo delimitado.

Inicialmente, em um texto dentro de seus *Artigos sobre a técnica*, Freud vai dizer que a transferência é fruto de partes dos impulsos libidinais, que em sua teoria servem como a energia que movimenta o sistema psíquico, que não puderam ser satisfeitos na realidade e vão ter espaço para se desenvolverem somente dentro das fantasias inconscientes. A partir disso, ele apresenta a ideia de que é essa fantasia inconsciente, impossibilitada de ser realizada em seus princípios vai ser atualizada e de certa forma, atuada, dentro da relação terapêutica, pois ali, o paciente irá movimentar os conteúdos psíquicos, vinculados a série de representação fantasiadas e recalçadas. (FREUD, 2010 [1912])

Porém, não foi somente Freud quem percebeu isso. Ele formulou hipóteses e teorias a partir de sua observação, mas todos os que se põe no lugar de escutar, possibilitam em alguma medida que aquele quem fala inclua quem escuta em alguma de suas próprias imagens, seja paterna, materna, ou qualquer outra. Isso é a transferência. Teoricamente. Mas e na prática?

METODOLOGIA

A metodologia que foi utilizada para este trabalho foi a de uma pesquisa bibliográfica qualitativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O que é a transferência, apresentada por Freud e vivida por todos os que se colocam na posição de escutar? Uns podem dizer que é um elemento mágico, outros que é uma mão ectoplásmica, parafraseando Gasset, que sai da cabeça do paciente para acariciar e agradar o terapeuta, ou que, em alguns momentos, muito cortesmente, lhe dá umas porradas (GASSET citação). Mesmo que essa definição inspirada no filósofo espanhol seja esclarecedora, ao menos em um sentido tragicômico, a pergunta pode se desdobrar em vários aspectos, tanto práticos quanto teóricos, mas no limiar entre esses dois elementos, pode-se olhar para a construção que faz Jacques Lacan, buscando responder essa pergunta ambígua.

Lacan apresenta em seu texto *Intervenção sobre a transferência* de 1951, uma ideia de que a psicanálise, e por consequência a transferência que se apresenta em um tratamento psicanalítico, se desdobram aos moldes de uma experiência dialética, baseada em movimentos que buscam uma síntese (indicada por ele como a verdade, pensada pelo paciente), e durante esses momentos, intercalam entre inversões dialéticas e desenvolvimentos da verdade. (LACAN, 1998) Para isso, ele utiliza do Caso Dora, no qual Freud, a partir da transferência, não soube lidar com a mão, apresentada anteriormente, que buscou lhe espancar e que por fim o fez entender todo o caso às avessas.

As chamadas inversões dialéticas, são os momentos em que a partir de alguma intervenção do terapeuta, a questão principal, o tema que estava esquecido, volta a tona, e gera ao mesmo tempo um desenvolvimento da verdade, que por sua vez é uma nova maneira de interpretar o que estava sendo narrado pelo paciente.

Além desses pontos, Lacan também define o trabalho do analista dentro dos ditames da transferência como um “não-agir positivo”, pois é nesse espaço, dialético como foi apresentado anteriormente, que se cria entre esses dois sujeitos a possibilidade de um deles, o paciente, desenvolver suas dramatizações, necessárias para que suas verdades sejam trazidas a tona. Mas para que isso seja possível, o terapeuta deve abster-se de seu ego, se não vai gerar, aí sim, uma contratransferência, que de nada auxiliaria no caminho terapêutico.

É nesse caminho que se dá a transferência dentro de um tratamento e por isso, Lacan apresenta que o “não-agir” do terapeuta é positivo, pois mesmo que “não faça”, mantém o

espaço/tempo necessários para que os processos psíquicos característicos de uma terapia, desde os tempos de Freud, ocorram.

É a partir destes conceitos elaborados por Freud e ampliados por Jacques Lacan que pode-se aproximar da ideia de que o tratamento analítico se dá no ciclo descrito nos primeiros anos da psicanálise como o de recordar, repetir e elaborar. A partir do texto que traz esse mesmo título, Freud apresenta que a dramatização dos fatos originários, que fala Lacan no final de seu texto, estejam diretamente ligados com a elaboração dos conflitos inconscientes, que é a meta de uma análise, e poderíamos dizer, de uma psicoterapia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluir um trabalho sobre a transferência dentro da experiência de quem escuta, seja em uma clínica ou em outros espaços que os estágios curriculares do curso de psicologia apresentam, é de fato uma tarefa desafiadora. Pois tal matéria não traz somente à tona conteúdos teóricos, mas precisa apontar e surgir na prática. Manter-se na posição neutra dentro destes fenômenos é realmente um dos pontos mais importantes para que haja algum trabalho, realmente, psicoterapêutico.

Em qualquer lugar onde pessoas se encontrarem, a transferência vai ser observável já que ela é a encenação de partes da peça/vida que já se passou, ao menos dentro do mundo psíquico, mas agora com outros atores, atualizada. Isso mostra que dentro de qualquer relação, todos os envolvidos vão se *transferenciar*.

Por isso a atenção de quem vai se dedicar a escutar deve também cair sobre si mesmo. O ouvinte também traz as suas experiências, as suas limitações e as suas próprias fantasias. É por isso que Lacan refere a transferência que o paciente apresenta durante o trabalho analítico, à própria contratransferência, aquilo que o terapeuta traz consigo, e que é dentro deste “espaço” que o trabalho vai ser possível, desde que o terapeuta saiba fazer com que este “engodo útil” movimente o trabalho dialético, permitindo que a cada virada, novas verdades discursivas sejam exploradas pelo paciente. (LACAN, 1998)

Palavras-chave: Psicanálise. Transferência. Jacques Lacan. Sigmund Freud



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund. **A dinâmica da transferência (1912)** *In*: Obras Completas Volume 10. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p.133

FREUD, Sigmund. **Recordar, repetir e elaborar (1914)** *In*: Obras Completas Volume 10. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p.193

ORTEGA Y GASSET, José. **A rebelião das Massas**. Campinas-SP: Vide editorial, 2016

LACAN, Jacques. **Intervenção sobre a transferência**. *In*: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.214